

OLYMPE DE GOUGES, ROUSSEAU, AS MULHERES E O TEATRO OU COMO O HUMANISMO PASSA PELO FEMINISMO^{1 2} *OLYMPE DE GOUGES, ROUSSEAU, WOMEN, AND THE THEATER, OR HOW HUMANISM PASSES THROUGH FEMINISM*

MARIA CONSTANÇA PERES PISSARRA
Doutora, Pontifícia Universidade Católica, PUC-SP
mcpp@pucsp.br

RESUMO

Admiradora da obra de Jean-Jacques Rousseau, Olympe de Gouges, em seu texto *Le bonheur primitif*, retoma alguns dos conceitos fundamentais do pensador genebrino – estado de natureza, progresso, liberdade, desigualdade, teatro, mulheres. O objetivo deste artigo é analisar como essa influência foi fundamental para a concepção da autora sobre a possibilidade do progresso humano e sua relação com a igualdade de gênero, mediada pela educação como emulação e expressa pelo teatro.

Palavras-chave: Igualdade. Liberdade. Natureza. Mulheres. Teatro.

ABSTRACT

An admirer of the work of Jean-Jacques Rousseau, Olympe de Gouges, in her text *Le bonheur primitif* (Primitive Happiness), reclaims some of the Genevan thinker's fundamental concepts: state of nature, progress, liberty, inequality, theater, and women. The objective of this article is to analyze how this influence was fundamental to the author's conception of the possibility of human progress and its relationship with gender equality, mediated by education as emulation and expressed through the theater.

Keywords: Equality. Liberty. Nature. Women. Theater.

1. INTRODUÇÃO

« Vous voulez que les femmes ne soient que des femmes, des femelles d'animaux, qu'elles s'occupent uniquement du soin de faire la cuisine pour leurs maris, de raccommorder leurs chemises, et de leur donner dans le sein de la vertueuse ignorance du plaisir et des enfants.
Voltaire. *Lettre au docteur Pansophe*, 1762.

“Femme, réveille-toi, le tocsin de la raison se fait entendre dans tout l’Univers; reconnois tes droits.”
Olympe de Gouges, *Déclaration des droits de la Femme et de la citoyenne*, 1791.

¹ Recebido em 15/09/2025. Aprovado em 10/10/2025.

² Uma versão parcial deste texto foi apresentada na Mesa “As Mulheres de Rousseau”, no Colóquio Rousseau Kant, na UFMA, em junho 2025.



Olympe de Gouges³ é o pseudônimo da filósofa e dramaturga Marie Gouze, nascida na segunda metade do século XVIII (maio de 1748), em Montauban, na França. Já adulta, decide mudar seu nome, substitui Marie pelo segundo nome de sua mãe, Olympe e acrescenta a partícula “de” pôr simbolizar certo status social. Passa a assinar suas obras com esse novo nome, pois não pode usar o nome do seu pai, Marquês Le Franc de Pompignan⁴ que nunca a reconheceu como filha. Aos 18 anos, recém viúva e com um filho, vai para Paris em busca dos novos ares que ali sopravam vindos dos movimentos políticos, sociais e artísticos. Vive intensamente seus ideais e seus amores, mas sua vida breve encerra-se tragicamente em 2 de junho de 1793, depois de condenada à morte por ordem dos Jacobinos⁵, em plena época do Terror. Foi a única mulher executada por seus escritos políticos naquele período.

Contemporânea da Revolução Francesa, Olympe de Gouges, interessa-se por temas fundamentalmente políticos, mas também polêmicos, como o papel da mulher na sociedade e a ausência de direitos, bem como da escravidão e o tráfico negreiro praticado à época. Ao escrever sobre a desigualdade e liberdade, faz dos seus textos obras de militância política e explora temas relegados a um segundo plano. Desde cedo, manifesta interesse pelo teatro como gênero privilegiado para expor suas ideias, além de frequentar ora como espectadora, ora como atriz e diretora, as salas de espetáculo parisienses. Mas, sua produção não foi apenas de obras dramáticas⁶, dedica-se, igualmente, a redação de obras políticas, tais como livros e panfletos, entre outros textos. Apesar de sua ampla contribuição intelectual, Olympe e sua obra foram alvos de ataques misóginos não apenas no século XVIII, mas que perduraram até ao final do século XX, quando sua obra passa a despertar maior interesse da tradição crítica, resultado da expansão do feminismo.

Como referido na primeira nota, este artigo foi inicialmente pensado para compor a mesa “Mulheres de Rousseau”. O seu objetivo é analisar, em uma das obras de filosofia

³ Agradeço à Barbara Rodrigues Barbosa a leitura de seu texto *Rousseau e Gouges: diálogos sobre o progresso humano e o teatro* apresentado em 18 de abril de 2019 no Seminário de Pesquisa dos Gepi Rousseau – Kant Ufma: Política, Estética e Representação em Rousseau e Kant, na UFMA.

⁴ Jean-Jacques le Franc de Pompignan (1709-1784), foi um escritor francês, autor de poesias sacras e odes cristãs e filosóficas.

⁵ A publicação de uma de suas peças, *Les trois urnes, ou le salut de la Patrie, par un voyageur aérien*, provocou a ira dos revolucionários, até mesmo dos girondinos aos quais estava ligada: a peça propunha a realização de um plebiscito para escolher qual seria a melhor forma de governo, uma República indivisível, um Governo federalista ou uma Monarquia constitucional. O resultado foi a condenação à morte por decapitação.

⁶ Entre suas obras dramáticas, destacam-se:

L’esclavage des noirs (1785); *La marché des noirs* (1790); *Le convent ou les vœux forcés* (1790); *Les démocrates et les aristocrates* (1790); *Les temps de la liberté* (1790).

política da filósofa, *Le Bonheur Primitif ou rêveries patriotiques*, a interlocução ali estabelecida com o pensamento de Jean-Jacques Rousseau em alguns dos seus livros. Para explicitar a influência do pensador genebrino sobre Olympe, faz-se necessário acompanhar os conceitos que a autora elegeu como principais nesses textos: (I) estado de natureza e progresso, (II) igualdade e liberdade, (III) educação, teatro e mulheres.

2. ESTADO DE NATUREZA E PROGRESSO

O texto de Gouges, *Le bonheur Primitif*, está dividido em cinco capítulos. Neles, a autora questiona se as sociedades humanas primitivas eram felizes ou não e como essa felicidade foi perdida. Em sua análise, a humanidade, no estado de natureza, é feliz, trabalha em conjunto, é virtuosa e dotada de sociabilidade, isto é, Gouges entendia como positiva a relação entre o os avanços da civilização e o progresso humano, ao propor uma outra abordagem.

Ainda que leitora de outros teóricos do estado de natureza, é a reflexão de Jean-Jacques Rousseau que a interessa. Já no primeiro capítulo de seu livro, destaca a importância da frase inicial do *Discours sur les sciences et les arts* ou Primeiro Discurso:

C'est un grand et beau spectacle de voir l'homme sortir en quelque manière du néant par ses propres efforts; dissiper par les lumières de sa raison, les ténébres dans les quelles la nature l'avait enveloppé; s'élever au-dessus de soi-même; s'élancer par l'esprit jusques dans les régions celestes; parcourir à pas de Géant ainsi que le Soleil, la vaste étendue de l'Univers; et, ce qui est encore plus grand et plus difficile, rentrer en soi pour y étudier l'homme et connaître sa nature, ses devoirs et sa fin. Toutes ses merveilles se sont renouvelées depuis peu de Générations⁷. (Rousseau, 1964a, p. 6)

Gouges lê a frase rousseauiana como um amplo elogio ao desenvolvimento, ou melhor, ela lê Rousseau pelas suas lentes afirmativas da importância do progresso guiado pelas Luzes da Razão, como defendia o século XVIII. Com o auxílio delas, o ser humano abandona as trevas em que se encontra limitado pela sua condição natural e propõe observá-lo: “Je l'observerai dans ses plaisirs, son ambition, ses tourmens, son hypocrisie, sa scélératesse et ses espérances⁸. (Gouges, 1789, p. 19-20). Na sequência do parágrafo, a autora reconhece a influência de Rousseau sobre seu próprio pensamento, mas não reconhece que para ele, não se trata da oposição entre a escuridão do estado de natureza e as luzes do progresso.

⁷ “É um grande e belo espetáculo ver o homem sair de alguma forma do nada por seus próprios esforços; dissipar pelas luzes da sua razão as trevas nas quais envolvera a natureza; elevar-se acima de si mesmo; alçar-se pelo espírito até as regiões celestes; percorrer a passos de Gigante tal como o Sol, a vasta extensão do Universo; e o que é ainda maior e mais difícil penetrar em si mesmo para aí estudar o homem e conhecer-lhe a natureza, seus deveres e seu fim. Todas essas maravilhas se renovam há poucas Gerações”.

⁸ Eu o observarei em seus prazeres, sua ambição, seus tormentos, sua hipocrisia, sua perversidade e suas esperanças”.

Dans cette matière il faudroit avoir l'art et le génie de Rousseau qui montre partout l'homme instrui et l'homme de la nature. Cependant Ses opinions n'en ont pas moins excité la critique et lorsqu'on devoit élever un autel à sa mémoire, plusieurs productions religieuses sont cherché a la ternir mais elle est gravée en caractères ineffaçables au temple de la Gloire⁹. (Gouges, 1789, p. 20).

Entretanto, o pensamento rousseauiano vai direção inversa, Rousseau não entende o progresso como sinônimo de felicidade, ao contrário, é uma expressão perigosa mais próxima das sociedades degeneradas. Como afirma Jacques Berchtold em uma Introdução a uma das edições do *Discours sur l'origine de l'inégalité*, “seria necessária a perspicácia e a lucidez de Rousseau” para que pensar de forma diversa a relação entre o homem da natureza e o. homem da sociedade. (Rousseau, 2004, Introdução, p. 8).

Embora afirme em seu livro que a ciência e as artes nem sempre ajudam o progresso humano como demonstra o esbanjamento visível de tempo e dinheiro, pelos ricos, ao final do século XVIII, com as artes, ao mesmo tempo que os homens se tornam inúteis e degenerados, Gouges não vê com clareza, bem como seus contemporâneos, o olhar inovador de Rousseau, apesar de reconhecer sua genialidade.

Curiosamente, nas páginas iniciais de seu livro, a autora já demonstra algum ceticismo quanto à contribuição da educação, da cultura, das ciências e das artes em geral para a felicidade humana, ao criticar o tipo de educação então ministrada com o objetivo de promover o avanço social e não a felicidade:

Les savans et les enthousiastes des sciences plaignent disent-ils ces hommes ignorans qui ne redoutaient aucun danger, et à qui l'humanité même étoit étrangère. Il faut donc supposer que la nature leur avait tout recusé et qu'elle avait conduit les, hommes aux siècles de la dévorante ambition et de la dépravation la plus effrénée, pour leur apprendre leur bonheur et l'utilité de ces lumières. Ah sans doute, je dois penser différemment et présumer que l'homme a étendu trop loin ses connaissances. Il en est actuellement au dernier période, à force de chercher il s'écarte du vrai, et ne trouve qu'une ignorance qui fatigue son jugement, et finit par égarer sa raison¹⁰ (Gouges, 1789, p. 19-20).

A frase final dessa passagem ecoa certa inspiração rousseauiana em outro trecho: “Ce n'est point la Science que je maltraite, me suis-je dit; c'est la Vertue que je défends devant des

⁹ “Nesse assunto, seria necessário ter a arte e o gênio de Rousseau, que mostra em toda parte o homem instruído e o homem da natureza. No entanto, suas opiniões não deixaram de suscitar críticas e, quando se deveria erguer um altar à sua memória, várias produções religiosas tentaram manchá-lo, mas ele está gravado em caracteres indelévels no templo da Glória”.

¹⁰ Os sábios e os entusiastas das ciências lamentam, dizem eles, esses homens ignorantes que não temiam nenhum perigo e aos quais a própria humanidade era estranha. É preciso, portanto, supor que a natureza lhes negou tudo e que conduziu os homens a séculos de ambição devoradora e da depravação mais desenfreada, para lhes ensinar a felicidade e a utilidade dessas luzes. Ah, sem dúvida, devo pensar de forma diferente e presumir que o homem expandiu demais os seus conhecimentos. Ele está atualmente no último período, por força da busca, ele se afasta da verdade e encontra apenas uma ignorância que cansa o seu julgamento e acaba por desviar a sua razão.

hommes vertueux”¹¹ (Rousseau, 1964a, p. 5). Se, por um lado, Gouges elogia as ciências e as artes, por outro, afirma que a busca desenfreada pelo conhecimento levou os homens a caminhos diversos, pois, embora as artes primitivas sejam uma parte necessária da felicidade, quando pervertidas por relações sociais doentias se tornam problemáticas: “Les arts, je le sais enrichissent un royaume; mais quand on les pousse au dernier degré, ils portent indubitablement avec eux le luxe celui-ci, la mollesse; et ainsi le luxe a détruit toutes les Nations. J'en appelle aux Sages à qui je soumets mes *Rêveries*.”¹² (Gouges, 1789, p. 57-58).

Gouges aponta para as consequências danosas do luxo exacerbado, mas não o associa a corrupção moral e do gosto: “Je ne dédaigne point les sciences quoique la bizarrerie de mon étoile ait voulu que je fusse ignorante mais c'est l'abus que je condamne”¹³. (Gouges, 1789, p. 22). Já Rousseau é mais contundente: “C'est ainsi que la dissolution des mœurs, suite nécessaire du luxe, entraîne à son tour la corruption du goût”¹⁴ (Rousseau, 1964a, p. 21).

O ponto central da crítica de Gouges é a desigualdade provocada pela ausência das mulheres nas diversas atividades, resultante do baixíssimo acesso delas à educação. Para ela, o regresso ao modelo colaborativo da sociedade primitiva seria a forma de avançar para uma existência melhor. As ciências e as artes, a riqueza e o luxo, certamente expressariam o desenvolvimento e o progresso, desde que acessíveis ao gênero humano e não apenas aos homens. Em um modelo colaborativo de sociedade regulado pela amplitude da educação, a expressão artística não conduziria inevitavelmente a uma competição doentia entre os homens. Nesse ponto, Gouges concorda com Rousseau, embora afirme opor-se a ele. Mas, é bom lembrar, que tampouco o pensador genebrino fez essa relação.

Si la culture des sciences est nuisible aux qualités guerrières, elle l'est encore plus aux qualités morales. C'est dès nos premières années qu'une éducation insensée orne notre esprit et corrompt notre jugement. Je vois de toutes parts des établissements immenses, où l'on eleve à grands frais la jeunesse pour lui apprendre toutes choses, excepté ses devoirs¹⁵ (Rousseau, 1964a, p. 24).

Para ambos os pensadores, a liberdade requer a igualdade. Mas, para Rousseau, a desigualdade de talentos determinada pela propriedade privada, leva a uma relação de forças

¹¹ “Absolutamente não é a Ciência que eu maltrato, disse-me; é a Virtude que defendo diante dos homens virtuosos”.

¹² “As artes, eu sei, enriquecem um reino; mas quando levadas ao extremo, trazem consigo, sem dúvida, o luxo e a indolência; e assim o luxo destruiu todas as nações. Apelo aos sábios, a quem submeto as minhas reflexões”.

¹³ “Não desprezo as ciências, embora a estranheza da minha sorte tenha feito com que eu fosse ignorante, mas é o abuso que condeno”.

¹⁴ «É assim que a dissolução dos costumes, consequência necessária do luxo, leva por sua vez à corrupção do gosto».

¹⁵ “Se a cultura das ciências é prejudicial às qualidades guerreiras, ela é ainda mais prejudicial às qualidades morais. É desde os nossos primeiros anos que uma educação insensata adorna a nossa mente e corrompe o nosso julgamento. Vejo por toda a parte instituições imensas, onde se educa a juventude a grandes custos para lhe ensinar tudo, exceto os seus deveres”.

entre o que tem e o que não tem, entre o que manda o que obedece: “D’où naissent ses abus si ce n’est de l’inégalité funeste introduite entre les hommes par la distinction des talents et par l’avilissement des vertus? Voilà l’effet le plus évident de toutes nos études, et la plus dangereuse de toutes leurs conséquences”.¹⁶ (Rousseau, 1964a, p. 25). Já para Olympe, diríamos hoje, trata-se de uma questão de gênero, ou seja, “les femmes, par exemple, quoique je sois intéressée dans la proposition, ne devraient elles pas recevoir quelques marques d’encouragement, quand le mérite et l’honneur élèvent leur sexe?”¹⁷ (Gouges, 1789, p. 68).

3. IGUALDADE E LIBERDADE

Em uma de suas obras mais conhecidas, a *Déclaration des droits de la Femme et de la citoyenne*, de 1791, Olympe de Gouges faz uma crítica à falsa “universalidade de direitos” referida na *Déclaration universel des hommes et des citoyens*, documento aprovado pela Assembleia Nacional francesa, de 1789. O “homem” ali mencionado correspondia apenas, segundo Gouges, aos indivíduos do sexo masculino, não ao gênero humano, homens e mulheres como uma totalidade. Já a *Déclaration des droits de la Femme et de la citoyenne* pretendia inserir as mulheres como sujeitos de direitos tal como os homens: não se trata de propor a superioridade feminina e a exclusão dos homens, mas de apontar na direção de uma colaboração entre homens e mulheres, ao afirmar em seu artigo primeiro: “La Femme nait et demeure égale à l’homme en droits. Les distinctions sociales ne peuvent être fondées que sur l’utilité commune”¹⁸ (Gouges, 1791, p. 7). Em tom contundente, denuncia a contradição presente na falsa afirmação dos direitos universais e reivindica o reconhecimento da mesma capacidade intelectual das mulheres, portanto igualmente cidadãos e membras da humanidade tanto quanto os homens.

L’homme seul s’est fagoté un principe de cette exception. Bizarre, aveugle, boursoufflé de sciences et dégénéré, dans ce siècle de lumières et de sagacité, dans l’ignorance la plus crasse, il veut commander en despote sur un sexe qui a reçu toutes les facultés intellectuelles¹⁹ (Gouges, 1791, p. 6-7).

Os dois textos, *Le bonheur primitif* e a *Déclaration*, apontam na direção da mesma discussão, ambas obras fundamentais para a compreensão nuclear do pensamento de Gouges: iguais por natureza, homens e mulheres só são de fato livres quando efetivamente iguais nas sociedades, ou seja, enquanto detentores de liberdade para a cidadania.

¹⁶ “De onde vêm abusos, senão da desigualdade funesta introduzida entre os homens pela distinção de talentos e pela degradação das virtudes? Esse é o efeito mais evidente de todos os nossos estudos e a mais perigosa de todas as suas consequências”.

¹⁷ As mulheres, por exemplo, ainda que eu esteja interessado na proposição, não deveriam elas receber algumas marcas de encorajamento quando o mérito e a honra elevam o seu sexo?

¹⁸ “A Mulher nasce e permanece igual ao homem em direitos”.

¹⁹ “O homem sozinho criou um princípio para essa exceção. Estranho, cego, cheio de ciências e degenerado, neste século de luzes e sagacidade, na mais crassa ignorância, ele quer comandar como um déspota sobre um sexo que recebeu todas as faculdades intelectuais”.

Segundo Gouges, basta aos seres humanos seguirem sua natureza para se expandirem do ponto de vista intelectual e moral, tal como as crianças aprendem a imitar os adultos no seu processo de desenvolvimento. Ela chega a recorrer a exemplos da sua infância simples passada no campo para melhor ilustrar o significado da natureza livre que provocada responde às dificuldades e necessidades encontradas pela condição humana. Para provocar seus contemporâneos, propõe uma curiosa experiência científica: levar algumas pessoas (homens e mulheres) mudas para uma região agradável para ali criarem crianças órfãs: “... prendre des hommes et des femmes muets, leur mettre entre les mains douze enfans de chaque sexe, venant de naître qu'on prendrait aux Enfants-Trouvés”²⁰. (Gouges, 179, p. 33)

Defende que os seres humanos dos primeiros tempos não são apenas brutos selvagens²¹ - expressão negativa à época - mas capazes de interagir e de estabelecer relações de sociabilidade; logo, são capazes de emulação ou aprendizagem colaborativa, importante para o progresso da humanidade. De forma clara opõe-se a Rousseau, ao afirmar que o homem natural independentemente da socialização, é capaz de felicidade e desenvolvimento moral, como vimos no item primeiro. Mesmo admirando o pensador genebrino, a leitura feita de algumas passagens do Segundo Discurso, evidencia uma leitura controversa: aquilo que ela atribui aos momentos originários, Rousseau atribui a “época de ouro” ou “paraíso sobre a terra”.

No início do Segundo Discurso, Rousseau afirma que seu objetivo é

de marquer dans le progrès des choses, le moment où le Droit succédant à la Violence, la Nature fut soumise à la Loi; d'expliquer par quel enchainement de prodiges le fort put se résoudre à servir le faible, et le Peuple à acheter un repôs en idée, au prix d'une félicité réelle. ²²(Rousseau, 1964b, p. 132)

Não é possível conhecer a origem da desigualdade entre os homens se eles não começarem por conhecer a si mesmos – “c'est de l'homme que j'ai à parler”²³ (Rousseau, 1964b, p. 131), o que não é fácil, pois é o conhecimento mais difícil, mais útil e menos desenvolvido. Seu objetivo é determinar como os homens naturais e livres construíram uma

²⁰ “Reunir homens e mulheres mudos, confiar-lhes doze crianças de cada sexo recém-nascidos e retirados do orfanato”.

²¹ Não acabe no escopo deste artigo, uma discussão sobre os selvagens. Mas, é importante lembrar que os selvagens, para Rousseau, não tinham uma conotação negativa, além de configurar mais do que um significado. O vocábulo aparece no singular e no plural: o primeiro, significa o homem no verdadeiro estado de natureza (regulado pelas mesmas leis de todos os corpos) e não existe, é uma construção teórica; o segundo, no plural, são os homens das primeiras sociedades, esses existem e já são civilizados, não se trata mais do homem-animal, já vive em sociedades.

Ver a esse respeito o excelente artigo de Blaise Bachofen, *O selvagem, os selvagens: teoria das sociedades iniciadas*.

²² “De indicar, no progresso das coisas, o momento em que, sucedendo o Direito à Violência, a Natureza foi submetida à Lei; de explicar por qual encadeamento de prodígios o forte pode resolver-se a servir o fraco, e o Povo a comprar uma tranquilidade imaginária pelo preço de uma felicidade real”.

²³ “é do homem que quero falar”.

história caracterizada pela corrupção e pela degradação. Como podemos justificar o surgimento da desigualdade se ela não está inscrita na natureza humana?

Na primeira parte do texto, Rousseau “reconstrói” o estado de natureza – não é necessário voltar no tempo, já que se trata de uma história hipotética: basta estabelecer a ideia verdadeira a partir da qual ele começa a estabelecer a crítica da sociedade. No estado de natureza, o homem não tem linguagem nem técnica e não se relaciona com seus semelhantes. A liberdade é reduzida à independência e à inocência. O homem natural não tem nenhuma semelhança com o homem social, que é doente, submisso e infeliz. Do ponto de vista da natureza, não há diferenças físicas, psicológicas ou morais que justifiquem a desigualdade. Isolado, o homem natural tem apenas a natureza para imitar; seus sons expressam espanto, necessidade de reprodução, luta pela sobrevivência. Ele não conhece o bem nem o mal, o certo nem o errado, não se pergunta sobre outra vida, não teme a morte.

Ora, a desigualdade não está em germe na natureza, mas é ela que desnatura o homem! Contradição? Não, apenas a capacidade de transformação da natureza humana, afirma Rousseau, trata-se da perfectibilidade que diferencia os homens dos outros animais e que o acaso do destino desnaturou nas respostas às circunstâncias com que se deparam. Assim, formam-se as primeiras sociedades - o “paraíso sobre a terra”: a cada dificuldade encontrada pelo homem natural, um novo desafio o leva a um novo conhecimento ao associar-se a outros indivíduos. A construção de abrigos para se proteger, aproxima-os, permanecem mais tempos juntos, surgem as primeiras famílias.

...tant qu'ils ne s'appliquèrent qu'à des ouvrages qu'un seul pouvoit faire, et qu'à des arts qui n'avoient pas de besoin du concours de plusieurs mains, ils vécurent libres, sains, bons, et heureux autant qu'ils pouvoient l'être par leur Nature.²⁴
(Rousseau, 1964b, p.171)

Mas, todo esse quadro será virado de cabeça para baixo com a invenção das artes (metalurgia, agricultura), pois

(...) dès l'instant qu'un homme eut besoin du secours d'un autre; dès qu'on apperçut qu'il étoit utile à un seul d'avoir des provisions pour deux, l'égalité disparut, la propriété s'introduisit, le travail devint nécessaire et les vastes forêts se changèrent en des Campagnes riantes qu'ils falut arroser de la sueur des hommes, et dans lesquelles on vit bientôt l'esclavage et la misère germer et croître avec les moissons²⁵. (Rousseau, 1964b, p.171)

²⁴ “... enquanto se dedicavam apenas a trabalhos que um único indivíduo podia realizar e a artes que não exigiam a colaboração de várias pessoas, viviam livres, saudáveis, bons e felizes, tanto quanto podiam ser pela sua natureza”.

²⁵ “Assim que um homem precisou da ajuda de outro, assim que se percebeu que era útil para um único indivíduo ter provisões para dois, a igualdade desapareceu, a propriedade foi introduzida, o trabalho tornou-se necessário e as vastas florestas transformaram-se em campos risonhos que tiveram de ser regados com o suor dos homens e nos quais logo se viu a escravidão e a miséria germinarem e crescerem com as colheitas”.

Assim, de forma decisiva e perversa, surge a propriedade privada, a mais decisiva: “le premier qui ayant enclos un terrain, s’avisa de dire, *ceci est à moi*, et trouva des gens assés simples pour le croire, fut le vrai fondateur de la société civile”²⁶. (Rousseau, 1964b, p. 164)

Nesse ponto, a cadeia de desastres se acelera: as pessoas acabam se vinculando àqueles que as dominam e alienam, alegando protegê-las sob o pretexto de um contrato de aliança que institucionaliza sua força e riqueza. No final do caminho, há uma inversão radical: o despotismo irracional. A natureza é, então, completamente esquecida: “qu’il suit encore que l’inégalité morale, autorisée par le seul droit positif, est contraire au Droit Naturel toutes les fois qu’elle ne concourt pas en même proportion avec l’inégalité Physique”²⁷ (ROUSSEAU, 1964, p. 193)

No Segundo Discurso, o estado de natureza também é um critério para avaliar a distância que separa o homem social de suas origens: “voici ton histoire telle que j’ai cru la lire, non dans les Livres de tes semblables qui sont menteurs, mais dans la Nature qui ne ment jamais”²⁸ (Rousseau, 1964b, p.133). Por mais paradoxal que essa afirmação possa parecer, a função do estado de natureza é esclarecer a verdadeira natureza do estado de sociedade. Não se trata de uma demonstração cronológica dos fatos, tampouco é preciso retroceder.

Há dois pontos a destacar. Primeiro, Gouges não reconhece esses dois momentos do estado de natureza de que fala Rousseau, logo, não pode conceber um segundo estado como o estado da “juventude do mundo”, fundamental para o pensamento rousseauiano, uma vez que nele a existência da desigualdade é contestada como algo natural “l’homme viendra-t-il à bout de se voir tel que l’a formé la Nature, à travers tous le changements que la succession des tems et des choses a dû produire dans sa constitution originelle?”²⁹ É preciso separar aquilo que lhe é próprio daquilo que “les circonstances et ses progrès ont ajoûté ou changé à son État primitif”³⁰. (Rousseau, 1964b, p. 122).

Em segundo lugar, Gouges, ao contrário de Rousseau, não vê a propriedade privada como um mal permanente indissolúvel. No artigo XVII da *Déclaration*, afirma que as

²⁶ “O primeiro que, tendo cercado um terreno, atreveu-se a dizer, *isso é meu*, e encontrou pessoas suficientemente simples para o acreditar, foi o verdadeiro fundador da sociedade”.

²⁷ “Segue-se, então, que a desigualdade moral, autorizada pelo único direito positivo, é contrário ao Direito Natural”.

²⁸ “Aqui está a tua história tal como acredito tê-la lido, não nos livros dos teus semelhantes, que são mentirosos, mas na Natureza, que nunca mente.

²⁹ “Será que o homem conseguirá ver-se tal como a Natureza o formou, através de todas as mudanças que a sucessão dos tempos e das coisas deve ter produzido na sua constituição original? É preciso separar aquilo que lhe é próprio daquilo que...”

³⁰ «as circunstâncias e os seus progressos acrescentaram ou alteraram ao seu estado primitivo”.

propriedades pertencem a todos os sexos, reunidos ou separados. O problema é a concentração de bens nas mãos apenas masculinas e não o conceito de propriedade privada.

Em oposição aos seus contemporâneos, Rousseau não vê o progresso humano como o único caminho a seguir, mas sem dúvida é aquele que a humanidade escolheu. As artes humanas (agricultura e metalurgia) contribuíram para o estabelecimento da propriedade e, portanto, para as primeiras regras de justiça, estabelecendo o “meu e o teu”. O terreno fértil para a desigualdade estava pavimentado:

Telle fut, ou dut être l’origine de la Société et des Loix, qui donnèrent de nouvelles entraves au foible et de nouvelles forces au riche, détruisirent sans retour la liberté naturelle, fixèrent pour jamais la Loi de la propriété et de l’inégalité d’une adroite usurpation firent un droit irrévocable, et pour le profit de Quelques ambitieux assujétirent désormais tout le Genre humain au travail, à la servitude et à la misère.³¹
(Rousseau, 1964, p. 178)

Em síntese, na perspectiva de Gouges, o que leva ao progresso humano não é a inveja ou a competição e sim a emulação. Para a autora, todos os pensadores anteriores a ela, Rousseau incluso, concebiam o progresso como uma relação de disputa; de forma oposta, para melhor explicitar sua crítica resgata a noção de emulação³²: a imitação, como aquela praticada no teatro pelos atores é própria ao processo de aprendizagem, pois influenciaria o público.

4. A EDUCAÇÃO, O TEATRO E AS MULHERES

Se, para Olympe de Gouges a questão das sociedades primitivas e da desigualdade passa pelas mulheres, não é diferente com o teatro. Embora iguais por natureza, homens e mulheres não o são nas sociedades instituídas e não há nada na natureza humana que justifique qualquer desigualdade a não ser as convenções estabelecidas. Desse modo, para desenvolver o argumento da importância do teatro, após a análise de passagens do Primeiro e do Segundo *Discursos* de Rousseau, Gouges retoma de outra perspectiva a noção de imitação e sua contribuição positiva para o desenvolvimento das sociedades humanas, qual seja, a partir da relação entre a educação, o teatro e as mulheres e uma reforma teatral.

Da sua perspectiva crítica, faltam duas coisas fundamentais ao teatro: primeiro, maior presença feminina na dramaturgia, como atrizes e como autoras; segundo, aprofundar o caráter pedagógico do teatro a partir da mimesis. Defende, portanto, que para pensar a importância do teatro para o progresso humano, é necessário recorrer a emulação, isto é, pensar o teatro significa questionar a imitação da virtude por parte dos artistas e das atrizes para produzir um modelo que deve guiar o processo mimético da audiência. Em sintonia com

³¹ “Tal foi, ou deve ter sido, a origem da Sociedade e das Leis, que impuseram novos obstáculos aos fracos e novas forças aos ricos, destruíram irremediavelmente a liberdade natural, fixaram para sempre a Lei da propriedade e da desigualdade, e de uma usurpação astuta fizeram um direito irrevogável, e, para benefício de alguns ambiciosos, subjugaram desde então toda a humanidade ao trabalho, à servidão e à miséria”.

³² Aristóteles, *Poética*, 1448 b.

o século XVIII³³, Gouges afirma o poder da catarsis de purgar as paixões ao pôr essas diante dos olhos da plateia pela encenação, mas também os desvios que delas decorrem. Portanto, a partir do caráter pedagógico do teatro, Gouges propõe uma reforma teatral que possa influenciar positivamente a sociedade e simultaneamente promova a carreira de escritoras mulheres encenando as suas peças.

Rousseau também reconhece o lugar da mimesis no teatro, é fato, mas é altamente cético em relação ao seu poder pedagógico, além de mero entretenimento, como afirma na *Lettre à d'Alembert*: "Qu'on n'attribue donc pas au théâtre le pouvoir de changer des sentiments ni des mœurs qu'il ne peut que suivre et embellir. Un Auteur qui voudroit heurter le gout général, composeroit bientôt pour lui seul".³⁴ (Rousseau, 1995, p. 17-18).

A abordagem de Gouges é oposta: o que está errado com o teatro, é que as mulheres não têm nele uma presença suficientemente forte. E quando participam como atrizes ou espectadoras, suas ações são determinadas pela expectativa masculina, que não espera que as atrizes se destaquem pelo seu mérito e por suas próprias decisões morais. Logo, a educação pode ter um efeito negativo sobre a felicidade humana – o que também vale para as ciências e as artes quando fazem parte de determinada estrutura educacional viciada. Esse diagnóstico inicial, a leva a uma primeira conclusão: há um excesso de luxo, das “habilidades úteis” em muitos ornamentos inúteis como entretenimento, com os ricos ocupando grande parte do seu tempo em jogos, prostituição e indo ao teatro onde estão mais preocupados com a boa aparência dos atores e atrizes do que com a qualidade das peças encenadas.

Tout bon citoyen fait des vœux pour voir prendre à son pays une nouvelle forme; les plus sages assurent que le Gouvernement doit faire de grands changements. Corriger plusieurs abus, détruire entièrement l'excès du luxe, abolir un nombre infini de jeux publics, et créer des amusements qui élèvent l'âme des François, épurent le courage³⁵. (Gouges, 1789, p. 67-68)

É contra a subutilização das mulheres que Olympe de Gouges se volta. O seu potencial de utilidade para a sociedade, não é levado em conta, de modo que, ao invés de ajudar o progresso da sociedade em direção a um desenvolvimento supostamente virtuoso, diminui a velocidade desse desenvolvimento. Gouges não culpa apenas a educação rudimentar das mulheres, mas a falta de participação delas nas estruturas sociais e a consequente injustiça para com elas:

³³ Ver o verbete Tragédie do Chevalier de Jaucout, *Encyclopédie*.

³⁴ “Não se atribua, portanto, ao teatro o poder de mudar sentimentos ou costumes, pois ele apenas pode acompanhá-los e embelezá-los. Um autor que quisesse contrariar o gosto geral acabaria por compor apenas para si mesmo”.

³⁵ “Todo bom cidadão deseja ver o seu país assumir uma nova forma; os mais sábios afirmam que o Governo deve fazer grandes mudanças. Corrigir vários abusos, destruir completamente os excessos do luxo, abolir um número infinito de jogos públicos e criar diversões que elevem a alma dos franceses, purifiquem a coragem”.

Les femmes, par exemple, quoique je sois intéressée dans la proposition, ne devoient-elles pas recevoir Quelques marques d'encouragements, quand le mérite et l'honneur élèvent leur sexe? Les femmes ne forment-elles pas la moitié de la Société? Et malheureusement leur peu d'émulation contribue à la perte de l'autre moitié³⁶. (Gouges, 1789, p. 68)

Assim, defende a necessidade de as artes teatrais serem reformadas e de as mulheres serem uma parte central desse novo olhar ao atuar, escrever, dirigir ... enfim, exercer qualquer papel que elas queiram.

Esse novo enfoque, exige um novo grupo teatral financiado pelo Estado, "O Teatro Nacional, ou o Teatro das Mulheres", uma proposta que ela submete ao rei da França e aos seus ministros para aprovação (Gouges, 1789, p. 71). Trata-se de uma asserção prática para a criação de um novo teatro, com uma escola para atores ligados ao teatro e uma equipe de mulheres dramaturgas produzindo obras para serem encenadas. A proposta baseia-se em várias observações sociais e pretende se opor à concepção da época do teatro³⁷ que escrevia apenas peças de autores masculinos e para agradar o rei.

Nous touchons au moment où tout doit prendre une forme nouvelle. C'est à la Nation assemble à qui je soumets la cause de tous mès Confrères. Il y a longtemps que l'on demande un second Théâtre français pour la Capitale. C'est au Roi, au Gouvernement, aux Etats Généraux qu'il convient de le proposer: ils doivent en réformer d'inutiles, et créer celui qui manque à la Nation³⁸. (Gouges, 1789, p. 70-71)

Em acréscimo, cita a importância do teatro para a educação das crianças – meninas e meninos – principalmente daquela parcela da sociedade que quer educar suas filhas e filhos, mas não dispõe das condições econômicas necessárias e propõe como alternativa que todo ano, dentre as crianças dessa classe, doze delas de cinco anos de idade de cada sexo fossem aceitas no teatro e educadas em todas as artes por dez anos. Depois disso, elas deveriam estar livres para escolher uma carreira no teatro ou em outro lugar. Aqueles que escolhessem permanecer no teatro, então, atuariam por dez anos; depois desse período, se aposentariam com uma pensão que lhes permitiria ocupar um lugar respeitável na sociedade e contribuir de maneira útil para o bem-estar daquela sociedade (Gouges, 1789, p. 75).

³⁶ “As mulheres, por exemplo, embora eu esteja interessado na proposta, não deveriam receber algum incentivo, quando o mérito e a honra elevam o seu sexo? As mulheres não constituem metade da sociedade? E, infelizmente, a sua pouca emulação contribui para a perda da outra metade.

³⁷ Em 1789, a dinâmica para o funcionamento do teatro era complexa: os franceses apresentavam ao rei as *doléances* na reunião dos Estados Gerais e o rei escolhia o que fosse de seu interesse. Ao mesmo tempo, para que uma peça fosse encenada, deveria ser aceita pela companhia dos atores e muitas vezes essa negociação, comprometia a qualidade artística e a integridade moral. Quem não cedesse às exigências, não tinha suas peças aprovadas: as mulheres recebiam mais recusas.

³⁸ Chegamos ao momento em que tudo deve assumir uma nova forma. É à Nação reunida que submeto a causa de todos os meus colegas. Há muito tempo que se pede um segundo teatro francês para a capital. Cabe ao rei, ao governo e aos Estados Gerais propor isso: eles devem reformar os inúteis e criar aquele que falta à Nação.

Admitir a igualdade dos sexos, a necessidade de uma educação comum e o acesso a ela, implica o reconhecimento do direito das mulheres de participar da vida política e do seu direito a cidadania. Ser mulher, era ser incompleta, pois saída de uma costela de Adão, apenas como esposas a mulher podia ser “um pouco” cidadã, o que não lhes conferia outro direito a não ser manter a castidade dos costumes, ser mãe e zelar pelo bom entendimento das famílias. Isso equivale a afirmar que a cidadania feminina estava limitada a esfera privada e excluída de toda realidade política.

Apesar das reivindicações universalistas pela liberdade e pela igualdade no século XVIII, as mulheres não estavam inseridas naquilo a que chamavam de humanidade e, sobretudo, eram julgadas negativamente. Com lucidez crítica a autora pergunta “... comment un état dont l’unique objet est de se montrer au public, et qui pis est, de se montrer pour de l’argent, conviendrait à d’honnêtes femmes, et pourroit compatir en elles avec la modéstie et les bonnes moeurs?”³⁹ (Gouges, 1789, p. 82/83).

Não seria esse mesmo olhar aquele referido por Rousseau na sua tese central sobre o teatro: o teatro é a imagem de seu público e esse reflete o caráter da nação?

Je le mène aux spectacles pour étudier non les moeurs mais le goût (...) Laissez les precepteurs et la morale, lui dirois-je; ce n’est pas ici qu’il faut les apprendre. Le théâtre n’est pas fait pour la vérité; il est fait pour flater, pour amuser les hommes; il n’y a point d’école où l’on apprenne si bien l’art de leur plaire et d’intéresser le Coeur humain⁴⁰ (Rousseau, 1995, p. 677)

5. CONCLUSÃO

Talvez a imagem que melhor simbolize Olympe de Gouges seja sua capacidade de resistência de, por um lado, agir livremente quanto aos acontecimentos da Fortuna, por outro, de confrontar-se com os conflitos políticos da sua época aos quais não se furtou. Ao mesmo tempo que almejava sua realização como mulher, militante e intelectual, propôs pensar o feminino e a igualdade, para poder pensar a Humanidade. A afirmação da palavra feminina e a exigência pela cidadania das mulheres e dos seus direitos, não é uma exclusão do homem. Seu projeto se quer universal e não feminino, refere-se antes a uma complementaridade do que a substituição, além de sublinhar o desejo de concórdia e de harmonia entre os sexos. Pela escrita, expõe as contradições e injustiças com a condição das mulheres não só de seu tempo.

As mudanças, em qualquer época, exigem decisões políticas de fato transformadoras e a educação é para Olympe de Gouges o principal instrumento de mudança, mas não a

³⁹ “Como um estado cujo único objetivo é exhibir-se ao público e, pior ainda, exhibir-se por dinheiro, poderia ser adequado para mulheres honradas e poderia compartilhar com elas a modéstia e os bons costumes?”

⁴⁰ “Eu o levo aos espetáculos para estudar não os costumes, mas o gosto (...) Deixe os preceptores e a moral, eu diria a ele; não é aqui que se deve aprender isso. O teatro não foi feito para a verdade; foi feito para lisonjear, para divertir os homens; não há escola onde se aprenda tão bem a arte de agradá-los e de interessar o coração humano”.

educação apenas como instrução, daí a importância do auxílio do teatro para o progresso humano – necessário, possível, mas que exige a igualdade de gênero.

REFERÊNCIAS

- AMORÓS, Celia; ÁLVAREZ, Ana de Miguel (Ed.). **Teoría feminista: de la Ilustración a la globalización – Del feminismo liberal a la posmodernidad**, Madrid: Minerva Ediciones, vol. 2, 2010, p. 35-68.
- ANDRÉ-ANQUIER, Geneviève. **Olympe de Gouges et la question de l'esclavage des noirs**.http://web.actoulouse.fr/automne_modules_files/pDocs/public/r26109_61.
- BERGÈS, Sandrine. **Olympe de Gouges versus Rousseau: Happiness, Primitive Societies, and the Theater**. Journal of the American Philosophical Association (2018), p. 433-451. DOI: 10.107/apa.2018.26.
- BLANC, Olivier. **Olympe de Gouges: des droits de la femme à la guillotine**. Paris: Tallandier, 2014.
- BLANC, Marie. **Olympe de Gouges, une humaniste à la fin du XVIIIe siècle**, éditions René Viénet, Belaye, 2003.
- BLANC, Olivier. **Olympe de Gouges, un nouveau modèle d'engagement citoyen**, dans Martial Poirson (dir.), *Amazones de la Révolution, Des femmes dans la tourmente de 1789*, Montreuil, Gourcuff Gradenigo, 2016.
- CRUZ, Amanda de Queirós. **Olympe de Gouges: entre o Iluminismo e a guilhotina**, “In”: *Aurora*. Niterói: UFF, 2018, ano 1, vol.1, p. 27-38.
- FURET, François/OZOUF, Mona. **Dictionnaire critique de la Révolution française**, T. 3, Flammarion, coll. Champs histoire, 1992.
- GOUGES, Olympe de. **Les droits de la femme**. Paris: GALLICA, s.l.p., 1791.
- GOUGES, Olympe de. **Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne**. Paris: s.l.p., 1791.
- GOUGES, Olympe de. **Les trois urnes ou le salut de la patrie**.
- GOUGES, Olympe de. **Écrits politiques**, préfacés par Olivier Blanc, 2 vol, Indigo & Côté Femmes éditions, 2014.
- GOUGES, Olympe de. **Écrits politiques**, présentés par Olivier Blanc, vol. I (1789-1791), vol. II (1792-1793), Paris, Éditions Côté Femmes, 1993.
- GOUGES, Olympe de. **Œuvres complètes**, dois volumes apresentados por Félix-Marcel Castan, Montauban, Éditions Cocagne, 2 Vol.
- GOUGES, Olympe de. **Théâtre politique**, préfaces de Gisela Thiele-Knobloch, 2 volumes (I-Le
- GOUGES, Olympe de. **Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne**, Paris, Mille et une nuits.
- GOUGES, Olympe de. **L'Esclavage des nègres** (version inédite du 28 décembre 1789), présentation et étude de Sylvie Chalaye et Jacqueline Razgonnikoff, coll. « Autrement même », Paris, L'Harmattan, 2006 ; et ID., *L'Heureux naufrage, ou l'esclavage des noirs* (version de 1792), préface d'Eleni Varikas, Paris, Indigo & Côté Femmes éditions, 2014.

GROULT, Benoîte. **Ainsi soit Olympe de Gouges : la Déclaration des droits de la femme et autres textes politiques**, Paris, Grasset, 2013.

GROULT, Benoîte. Olympe de Gouges, **Œuvres présentées par Benoîte Groult**, Paris, Mercure de France, 1986.

NICOLETE, Roberta Soromenho. **Marie Olympe de Gouges**. Edição eletrônica URL: ISSN: 2526-6187 Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, V. 7, N. 4, 2023, pp. 1-14.

POULLAIN DE LA BARRE, François. **De L'égalité des deux sexes discours physique et moral où l'on voit l'importance de se défaire des Préjugés**. Paris.

PULEO, Alicia H. **Lo personal es político: el surgimiento del feminismo radical**. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Oeuvres Complètes**. Paris, Gallimard, 1959-1995.

TROUILLE, Mary S. **Política Sexual in the Enlightenment: Women Writers Read Rousseau**. Albany, NY: Suny Press.

[https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k426138/f16.item.texteImage\)](https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k426138/f16.item.texteImage)

<https://olympedegouges.eu/links/>

<https://olympedegougesaupantheon.org/2023/06/08/de-la-sobriete-avant-toute-chose/>

<https://blogs.bl.uk/european/2013/11/olympe-de-gouges-and-les-trois-urnes.html>.